

ALFABETO MANUAL DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (LIBRAS): UMA FONTE PRODUTIVA PARA IMPORTAR PALAVRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Cristiane Batista do Nascimento¹

RESUMO: *Este artigo trata dos empréstimos da Língua de Sinais Brasileira – Libras – provenientes da Língua portuguesa – LP. Essa importação tem a especificidade de ser motivada pela escrita da LP por meio do alfabeto manual da Libras, em que as formas tomadas pelas mãos correspondem às letras do alfabeto da LP. Esta pesquisa tem caráter descritivo, fundamenta-se teoricamente em estudos sobre empréstimos em outras línguas de sinais e apropria-se da terminologia específica de Faria-Nascimento (2009) para classificar os sinais emprestados da Libras. Os dados da pesquisa foram selecionados de um dicionário, depois foram classificados e procurou-se evidenciar as características desses sinais bem como discutiu-se a diferença entre datilologia pura e empréstimos lexicais.*

PALAVRAS-CHAVES: *Empréstimos; Libras; datilologia.*

ABSTRACT: *This article is all about the Brazilian Sign Language´s borrowing – Libras- descendant from Portuguese Language – PL. This importation has got the specificity to be motivated by the PL´s written through Libras Manual Alphabet in which the form taken by the hands corresponds to the Letters of the Alphabet from PL. This research has descriptive character, is theoretically based on studies about other sign language´s borrowing and appropriates from the specific terminology of Faria-Nascimento (2009) to classify the borrowing sign of Libras. The research data were selected from an unique dictionary, later were classified and also tried to highlight those characteristics of the sign as well as the discussion about the difference between Pure Dactylogy and Lexical Borrowing.*

KEYWORD: *Borrowing; Libras; dactylogy.*

INTRODUÇÃO

A Língua de Sinais Brasileira (Libras) é uma língua que coexiste no mesmo território da Língua Portuguesa (LP). O contato entre essas duas línguas tem motivado a presença de elementos da LP escrita nos sinais da Libras. Apesar da diferença de modalidades, uma língua espaço-visual, Libras, e um língua oral-auditiva, LP, a interação dessas línguas tem favorecido a presença de empréstimos do português na Libras.

Na literatura sobre línguas de modalidade espaço-visual, o sinal é compreendido como equivalente à palavra da língua oral, como afirma, Gudschinsky (1964). “*Signs are comparable to words in oral languages [...]*”,

¹ Professora Mestre da Universidade Federal de Goiás.

segundo Lane e Grosjean (1989, p.104).

Os sinais são compostos por cinco parâmetros: configuração de mão (CM), movimento (M), ponto de articulação (PA), orientação da palma da mão (Or) e expressões não-manuais (ENM), sendo, os três primeiros, considerados os mais importantes.

As configurações de mão (CMs) são as possíveis formas que as mãos adquirem na realização dos sinais. Faria-Nascimento (2009) sistematizou 75 configurações de mão da Libras. Algumas destas CMs são usadas para representar as letras do alfabeto de uma língua oral, porém, a grande maioria das CMs não representa letras da língua oral. Geralmente, as CMs apresentam-se associadas aos parâmetros: movimento, ponto de articulação, orientação da mão e expressões não-manuais.

Os movimentos (Ms) que compõem os sinais são os mais diversos: movimentos de pulso, dos dedos, de abrir e fechar as mãos, direcionais e até sequência de movimentos em um mesmo sinal.

O ponto de articulação (PA) é o local de realização do sinal. Este pode se localizar em frente ao corpo ou na própria superfície do corpo. O PA pode estar localizado na cabeça, nos ombros, na cintura, enfim, em várias partes do corpo, ou próximas ao corpo.

A orientação (Or) é um parâmetro sobre a disposição da palma da mão. A Or pode ser para cima (Figura 01), para baixo (Figura 02), para dentro (Figura 03), para fora (figura 04), em disposição contralateral (Figura 05) ou ipsilateral (Figura 06).



Figuras 01 a 06 – Orientações de mão baseadas em Quadros e Karnopp (2004, p.60)

O último parâmetro é o das expressões não-manuais (ENM), que podem ter funções gramaticais na Libras. As ENMs podem movimentar as bochechas, os olhos, a cabeça, as sobrancelhas, o nariz, os lábios, a língua e o tronco.

¹ A modelo das fotos deste artigo é a surda Renata Cristina Fonseca de Rezende.

Para as análises, as CMs têm grande importância, pois, a partir dessas, foram identificados os empréstimos da LP na Libras, por meio do alfabeto manual, também conhecido como alfabeto datilológico. O quadro 01 mostra o alfabeto datilológico da Libras.



Quadro 01 ² - Alfabeto datilológico da Libras

EMPRÉSTIMOS

Na literatura sobre empréstimos linguísticos há diversas definições para tal fenômeno. Seguem-se algumas das acepções dos eventos de adoção de elementos externos.

Haugen (1972, p.82) considera os empréstimos como um processo que envolve a reprodução de um modelo, e qualquer tentativa de análise deve levar em conta o padrão original, ou seja, o modelo imitado. As incorporações apresentam-se como transferências completas ou podem simplesmente influenciar as palavras nativas da língua receptora.

Weinreich (1974, p.1) usa o termo interferência para explicitar o rearranjo dos padrões resultantes da introdução de elementos estrangeiros nos domínios mais estruturados da língua, como no sistema fonético, em grande parte da morfologia e na sintaxe, bem como em algumas áreas do vocabulário. Para ele, falar de empréstimo seria uma excessiva simplificação.

Portanto, empréstimos linguísticos são incorporações de determinados elementos de uma língua em outra ou de uma variedade

² A fonte deste alfabeto datilológico é desconhecida.

para outra. É assim que o define Thomason e Kaufman (1988, p.37) “O empréstimo é a incorporação de aspectos estrangeiros na língua nativa de um grupo por um falante dessa língua: a língua nativa é mantida, mas se altera pelo acréscimo dos traços (características) incorporados.”³

Empréstimos em língua de sinais

A maioria dos empréstimos linguísticos que entra nas línguas de sinais advêm de uma língua oral. Esta importação tem uma peculiaridade na adaptação fonológica, porque o empréstimo de uma língua oral para uma língua tipicamente de sinais ocorre, principalmente, a partir da escrita da língua de modalidade oral-auditiva para essa de modalidade espaço-visual. Por tratar-se de modalidades diferentes, as palavras importadas de uma língua oral apresentam especificidades ao entrarem nas línguas de sinais, na forma de datilologia. A datilologia em Língua de Sinais (LS) pode ser comparada à soletração em línguas orais. Faz-se a correspondência de uma letra da grafia de uma língua oral com uma configuração de mão (CM) de uma língua de sinais, às vezes acrescida de movimento, como ocorre na Libras com as CMs Ç, H, J, K, X, Y e Z.

O alfabeto manual, geralmente, varia de uma língua de sinais para outra. Há línguas como a Libras, como a Língua de Sinais Francesa (LSF) e a Língua de Sinais do México (LSM), que servem-se apenas de uma mão para realização do alfabeto. Estes alfabetos datilológicos são denominados de unimanuais, pois são produzidos apenas com uma das mãos, seja a direita ou a esquerda.

Diferentemente, o alfabeto datilológico bimanual utiliza as duas mãos para representar as letras de uma língua oral. Neste tipo de alfabeto, há uma mão passiva – geralmente a esquerda –, e uma mão ativa, que quase sempre é a direita. Entre as línguas que se utilizam das duas mãos simultaneamente para a produção datilológica estão a Língua de Sinais da Inglaterra (BSL), a língua de sinais da África do Sul e da Nova Zelândia.

A soletração manual⁴ tem sido um canal produtivo para empréstimos entre línguas orais e línguas de sinais. Battison (2000, p.209) ilustrou o espaço de realização da datilologia nas línguas de sinais.

³Borrowing is the incorporation of foreign features into a group's native language by speaker of that language: the native language is maintained but is changed by the addition of the incorporated features” Traduzido por Marcela Bravo Esteves.

⁴ O termo datilologia pode ser empregado ao longo do texto como soletração, digitação e transliteração.



Figura 07 – Espaço de realização da datilologia por Battison (2000, p. 209)

Como ilustrado na figura 07, o espaço de realização da datilologia é representado pelo círculo pontilhado menor, acima da altura do ombro até um pouco mais abaixo do peitoral. É válido ressaltar que o espaço de datilologia representado acima ocorre com a mão direita sendo ativa. Entretanto, pessoas canhotas, geralmente, realizam a datilologia com a mão esquerda, desta forma, o espaço de datilologia passa ser o lado esquerdo.

A datilologia ou soletração manual ganha movimentos fluidos nas línguas de sinais, adaptando-se o empréstimo à fonologia da língua importadora, o que pode camuflar a origem estrangeira e torná-los tão nativos quanto os sinais originários de dentro da própria língua de sinais. Acerca da soletração manual Wilcox afirma:

A datilologia é mais do que uma sequência canônica de configurações de mão, já que os movimentos articulatórios que formam uma palavra digitada são mutuamente influenciados. A coarticulação que se repete e que acontece de forma antecipada afeta a real configuração das palavras digitadas, por meio da datilologia, gerando uma transição fluida entre as letras. (WILCOX (1992) *apud* WILCOX e MORFORD (2007, p. 172)⁵

Muitos podem se perguntar por que os empréstimos ocorrem mais frequentemente entre uma língua de sinais e uma língua oral, e não de uma língua de sinais para outra língua de sinais que são de mesma modalidade espaço-visual. Esta resposta é simples, como bem observou Sutton-Spence e Woll sobre empréstimos na Língua de Sinais Britânica – BSL:

[...] Na BSL, o inglês é a língua com maior número de doações, não outras línguas de sinais. Isso ocorre porque todas as línguas realizam

⁵ Fingerspelling is more than a sequence of canonical handshape configurations, since the articulatory movements within the fingerspelled word influence each other. Perseverative and anticipatory coarticulation

empréstimos principalmente da língua com a qual mantêm maior um contato. Os sinalizantes (ou usuários de sinais) britânicos têm mais contato com o inglês, portanto adquirem mais empréstimos do inglês.” (SUTTON-SPENCE e WOLL 1999, p. 216).⁶

É importante ressaltar que a importação de uma língua oral para uma língua de sinais obrigatoriamente é acompanhada de mudanças de natureza fonológica. Da mesma forma que uma palavra emprestada passa para outra língua com pronúncia diferente, as línguas de sinais dão sua “pronúncia” própria aos sinais emprestados. Baker-Shenk e Cokely (1991) comentam sobre a adaptação das palavras do inglês para a ASL.

... Assim como os empréstimos de palavras faladas frequentemente são feitos de outra língua falada, palavras digitadas por meio da datilologia em inglês, que são comumente usadas em ASL, são alteradas de modo a ficarem mais parecidas com sinais em ASL. Ou seja, essas palavras digitadas por meio da datilologia são modificadas de modo a se adaptarem melhor à estrutura dos sinais em ASL. (BAKER-SHENK e COKELY, 1991, p.116)⁷

Também é válido lembrar que a fonologia em língua de sinais é visual e não-sonora. Como se vê, diante das idiosincrasias fonológicas das línguas de sinais, as adaptações neste nível são obrigatórias para que haja empréstimos.

A representação do alfabeto de uma língua oral por configurações de mão de línguas de sinais parece ocorrer com as mais diversas línguas de sinais, por mais diferentes que sejam os sistemas de escrita, como Valli e Lucas observaram.

Pesquisadores estão estudando também a datilologia bimanual (de duas mãos) usada por sinalizantes (usuários de sinais) britânicos e australianos e a representação de sistemas de escrita usados por pessoas surdas que estão em contato com a forma escrita do chinês, árabe, hebraico e russo. Todas essas línguas têm sistemas de escrita que utilizam símbolos que são muito diferentes do inglês escrito. Parece que as pessoas surdas em contato com as formas escritas dessas línguas têm maneiras manuais de representar o sistema escrito, do mesmo modo que as pessoas surdas

⁶ [...] For BSL, English is the major donor language, not other sign languages. This is because all languages borrow most from the language they have most contact with. British signers have most contact with English, so they borrow from English. Traduzido por Marcela Bravo Esteves.

⁷... Just as borrowed spoken words are frequently in another spoken language, fingerspelled English words that are frequently used in ASL are changed so that they look more like ASL signs. That is, these fingerspelled words are modified so that they fit better with the structure of ASL signs. Traduzida por Marcela Bravo Esteves.

americanas representam o alfabeto usando sinais. (VALLI e LUCAS 2000, p.68)⁸

A datilologia é muito útil às línguas de sinais. Provavelmente, é decorrente do contato de educadores ouvintes com aprendizes surdos. Faz-se necessário, neste momento, distinguir a datilologia pura de empréstimos lexicais a partir da datilologia, apesar de que em alguns momentos elas serão usadas como sinônimas. A datilologia em si não é um empréstimo lexical, apenas pode preencher uma lacuna em determinado momento e não se tornar parte do sistema. Já o empréstimo lexical por meio da datilologia, como dito por Baker-Shenk e Cokely, tornam-se mais semelhantes ao sistema com aparência cada vez mais nativa, ou seja, são integrados ao sistema.

Machabée (1995, p.31), de acordo com Battison (1978), diz que a datilologia só se torna empréstimo lexical quando é reestruturada, ou seja, depois que adquire uma aparência mais adaptada à língua de sinais. Portanto, Battison considera as datilogias reestruturadas como empréstimos lexicais. Por sua vez, Lucas e Valli (1992, p.43) discordam de Battison e não consideram a datilologia, mesmo reestruturada, como empréstimo. Eles consideram não ser resultado do contato entre uma língua de sinais e uma língua oral, e sim entre um sistema fonológico e um sistema ortográfico usado para representar a fala. Para estes pesquisadores, o compartilhamento deveria ser entre dois sistemas fonológicos e afirmam que a datilologia não pode ser estritamente associada à empréstimos. A datilologia é um resultado idiossincrático do contato de línguas em que uma língua representa a grafia da outra.

Machabée (1995, p.55) diz que, se os empréstimos podem apenas ser realizados entre dois sistemas fonológicos, então a possibilidade de uma língua de sinais adquirir palavras emprestadas de línguas orais seria mínima, e poderiam ocorrer somente empréstimos semânticos e por oralização⁹. Entretanto, sabe-se que este último tipo não é facilmente acessível a pessoas surdas.

De acordo com Battison, esta pesquisa concebe as datilogias reestruturadas como empréstimos. E em concordância com Machabée, acredita-se que a datilologia seja usada para transmissão de material fonológico de uma língua oral para uma língua de sinais, mesmo que esta

⁸ Researchers are also studying the two-handed fingerspelling used by British and Australian signers and the representation of writing systems used by deaf people who are in contact with written Chinese, written Arabic, written Hebrew, and written Russian. All of these languages have written symbol systems that are very different from written English. It seems that deaf people in contact with all of these written languages have manual ways of representing the written system, in the same way that American deaf people represent the alphabet with signs. Traduzido por Marcela Bravo Esteves.

⁹ Oralização é a cópia da articulação da palavra falada, neste caso, da língua francesa.

passagem seja baseada na forma escrita. O sistema ortográfico é que permite a relação entre estes dois sistemas fonológicos tão divergentes.

[...] O fato de que estamos estudando línguas tão essencialmente diferentes como uma língua de sinais e uma língua oral tem consequências que o empréstimo – no sentido estrito – é impossível no modo manual (a menos que falemos de empréstimos semânticos). Uma definição ampliada de empréstimo – que leva em conta o fato das configurações de mão representarem o sistema escrito é o mais próximo que podemos chegar da fonologia de uma língua oral em um modo manual – que nos permitirá ver [...] como um possível processo de empréstimo entre língua de sinais e língua oral. (MACHABÉE 1995, p.57)¹⁰

Sutton-Spencer e Woll (1993, p.187) relataram pesquisas que trazem uma nova perspectiva a respeito da datilologia. Esta nem sempre deve ser concebida como representação da escrita da língua inglesa e sim como parte integrante desta língua de sinais. Testes foram feitos com crianças que têm a BSL como falantes nativas e elas frequentemente aprendem a digitar antes de aprender a escrita.

Estudos demonstram também que crianças não conseguem associar a escrita à datilologia, porque são as palavras digitadas que influenciam a escrita e não vice-versa. Somente depois de irem à escola é que a datilologia é aprendida como representação das palavras escritas do inglês. Este é, portanto, um argumento favorável aos sinais digitados reestruturados como parte da língua, assim como os empréstimos se tornam parte da língua e muitas vezes não são mais reconhecidos como elementos exógenos.

Tipologia de empréstimos do inglês, do francês e do urdu¹¹ em diversas Línguas de Sinais

Na busca por literaturas que tratam de empréstimos em línguas de sinais foram encontrados suporte teórico nas seguintes línguas: Língua de Sinais Americana – ASL –, Língua de Sinais Britânica – BSL –, Língua de Sinais da Nova Zelândia – NZSL –, Língua de Sinais do Indo-Paquistão – IPSL – e Língua de Sinais de Quebec – LSQ.

Sofinski (2002, p.32), com base na pesquisa de Davis (1989) sobre

¹⁰ Tradução livre da pesquisadora: The fact that we are studying languages so essentially different as a manual and an oral language has as a result that borrowing - in its strictest sense - is impossible in the manual mode (unless we talk of semantic loans). An enlarged definition of borrowing -which takes into account the fact that the handshapes representing the writing system are the nearest we can get to the phonology of the oral language in a manual mode - will permit us to view [...] as a possible borrowing process between signed languages and oral languages.

¹¹ O urdu é uma língua indo-européia, muito similar ao hindu, falada oficialmente no Paquistão, Índia e Afeganistão e também falado não oficialmente em vários países como Estados Unidos e África do Sul.

os vários canais usados na comunicação, diz que na ASL existem dois canais disponíveis para isto: o canal da boca e o canal da mão. É por meio deles que os empréstimos do inglês são adotados nesta língua de sinais. Para esta pesquisa, o foco será apenas o canal da mão.

Os empréstimos oriundos do inglês identificados na ASL foram os empréstimos datilológicos (*lexicalized fingerspelling*) e inicialização (*initialized signs*). Os empréstimos datilológicos (*lexicalized fingerspelling*) são sinais que a princípio eram palavras digitadas que se lexicalizaram, ou seja, foram integradas ao sistema, como nos exemplos #YES, #JOB, #BACK, #WHAT, #¹²DOG. Estes sinais sofrem adaptações fonológicas e alguns se adaptam completamente ao *lexicon* da ASL. A inicialização (*initialized signs*) é usada para representar abreviações e acrônimos¹³ que são usados nas profissões, usos técnicos e contextos escolares.

A língua de sinais da Nova Zelândia – NZSL – tem recebido influência da língua inglesa na formação, modificação e criação de sinais. Os indivíduos surdos da Nova Zelândia são educados em inglês e estão rodeados pelo inglês escrito. Muitos dos sinais da NZSL são palavras digitadas que sofreram apócope, ou seja, as letras do meio foram apagadas. Alguns exemplos de sinais emprestados mostrados em Fischer e Siple (1990, p. 303) foram TS para *toys*, CB para *club*, JN para *June*, JL para *July*, JB para *job*, TT para *that* e AL para *all*. Um outro tipo de empréstimo identificado na NZSL foi a inicialização (*initialized signs*). As palavras inicializadas são influenciadas pelo inglês, não são palavras emprestadas e não são palavras digitadas que sofreram um processo de reestruturação. Os sinais motivados por este processo, na maioria das vezes, têm uma configuração de mão que corresponde a uma letra ortográfica, geralmente a primeira letra de uma palavra do inglês.

Dominique Machabée em sua pesquisa na LSQ – Língua de Sinais de Quebec – faz uma investigação mais profunda sobre a inicialização de sinais nesta língua já que os estudos geralmente tratam da *fingerspelling* e a inicialização é, quase sempre, negligenciada.

Os empréstimos datilológicos são menos frequentes na LSQ do que na ASL, apesar destas duas línguas possuírem alfabetos manuais idênticos. Na LSQ, Desouvrey et al (1992) *apud* Machabée (1995, p.31)

¹² O símbolo jogo da velha # tem sido usado na literatura da ASL como sinal digitado que se tornou um sinal emprestado por tornar-se adaptado à língua importadora.



¹³ Acrônimos são palavras formadas das primeiras letras ou de sílabas de palavras, por exemplo: IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

mostram que os sinais datilológicos, quando lexicalizados, geralmente conservam a primeira letra e uma letra do meio da palavra.

O conceito de inicialização não é homogêneo. Para Battison, a inicialização deve ser derivada de um sinal já existente. Em contrapartida, Stokoe a define como uma redução da datilologia de palavras inventadas que serve para traduzir uma palavra particular do inglês e utiliza-se de uma configuração de mão do alfabeto manual para a primeira letra da palavra em inglês.

Machabée (1995, p.34) resume as duas definições considerando a inicialização como resultado de uma redução datilológica ou de uma mudança de configuração de mão em um sinal existente, porém não inicializado, ou seja, não se reporta à primeira letra de uma palavra escrita da língua oral. Por conseguinte, a inicialização é um processo muito relevante, pois os próprios surdos a usam, apesar de que esta motivação possa ter sido gerada pelas pessoas ouvintes. Este recurso tem sido um grande influenciador na criação lexical da ASL e também na LSQ. Entretanto, a letra inicializada é motivada pela língua francesa e não pelo inglês.

A Língua de Sinais do Indo-Paquistão – IPSL – é falada pela comunidade surda em Karachi e Nova Deli que são, em algum grau, regiões bilíngues e recebem influência da língua urdu e também do inglês, que é uma língua oficial na Índia e no Paquistão. A IPSL possui alfabetos datilológicos com uma e duas mãos. Os empréstimos identificados nesta língua por Zeshan (2000, p.35) também mostra a existência de empréstimos *fingerspelling* do inglês e do urdu. A *fingerspelling* pode ser adquirida do inglês e do urdu. A digitação de palavras do urdu é usada para o nome dos meses, alguns combinados a outros sinais, com exceção do mês de junho.

Os empréstimos na BSL *fingerspelling* foram identificados por Rachel Sutton-Spence e Bencie Woll (1999, p. 216). Kyle, Woll, Pullen e Maddix (1988, p.126) mostraram diferentes formas que a BSL encontrou para adicionar sinais emprestados por datilologia lexicalizada (*lexicalized fingerspellings*) ao léxico desta língua. Algumas das formas encontradas foram:

- a repetição da letra inicial, como no sinal KITCHEN, que possui a letra K redundante;
- uso de acrônimos
- as abreviações com mais de uma letra são bastante usadas em BSL para acomodação de empréstimos datilológicos. Servem de exemplo ABOUT, as letras que permanecem são o (A, B e T); BIRMINGHAM perdeu todas as letras intermediárias, restaram apenas a primeira e a última letra (B e M); e NEWCASTLE, que só conservam as CM correspondentes a (N e C)

As vogais são frequentemente eliminadas em BSL, entretanto, se ocupar a posição de primeira letra, jamais poderá ser eliminada. A

permanência da primeira e da última letra é comum em nome de lugares, mas não em muitas outras palavras. Outra possibilidade também mencionada é a permanência da primeira letra de cada sílaba ou percebida como morfema mantido, como no caso de MANCHESTER que permanecem apenas o (M e o C) e em PROJECT, o (P e o J).

Segundo Sutton-Spence e Woll (1999, p.223), há dificuldade de ocorrerem empréstimos datilológicos na classe dos verbos. Esta raridade se deve ao fato de que quase todos os verbos espaciais recebem influência da aparência física do referente envolvido ou ação realizada em sua CM. Por isso, é difícil conciliar as propriedades aparentes, icônicas, com a motivação do formato de mão do alfabeto datilológico, pois as importações datilológicas não são facilmente aceitas, já que existem restrições fonológicas nas línguas de sinais também.

Nas palavras emprestadas por datilologia, por causa das reduções, é possível acreditar que muitas homônimas poderiam aparecer. Todavia, são adicionados movimentos para se evitar este problema. Kyle, Woll, Pullen e Maddix (1988, p.127) dividem os tipos de movimentos dos sinais emprestados em especiais e icônicos. Estes pesquisadores supõem que tais sinais, acrescidos de movimentos especiais ou icônicos, sejam resultado do processo de inicialização.

Ainda sobre acomodação dos empréstimos datilológicos, Battison (1978), *apud* Valli e Lucas (2000, p.64), sistematiza oito mudanças que podem ocorrer na lexicalização de palavras 'datilologizadas' em ASL, que são: algumas configurações de mão podem ser apagadas; a localização do ponto de articulação pode mudar; a configuração de mão pode mudar; o movimento pode ser adicionado; a orientação da palma da mão pode mudar; o movimento pode ser reduplicado; uma segunda mão pode ser adicionada ao movimento; e a informação gramatical pode ser adicionada.

Estas mudanças mencionadas podem ocorrer simultaneamente. Os sinais soletrados geralmente violam as restrições fonológicas de boa formação de sinais. Contudo, algumas destas oito mudanças citadas podem tornar o sinal emprestado adaptado à fonologia da língua ou, diacronicamente, podem ser acomodados à língua. Portanto, estas oito mudanças são parte do processo de lexicalização dos sinais emprestados por datilologia e podem dar ao sinal emprestado uma aparência nativa.

Tipologia dos empréstimos da Libras

Faria-Nascimento (2009) apresenta seis tipos de empréstimos da LP para a Libras, quais sejam: empréstimos por transliteração, que, por sua vez, podem ser subdivididos em empréstimos por transliteração pragmática, ou empréstimos por transliteração lexicalizada (semidatilológica) e empréstimos por transliteração da letra inicial.

Faria-Nascimento (2009, p. 89) considera “a transliteração como representação de letras de uma língua oral por CMs de uma língua de sinais”. Diferentemente da datilologia que tem sido compreendida nas literaturas de língua de sinais como a “representação de palavras ou partes de palavras de línguas orais por meio do uso agrupado de CMs, equivalentes à representação de letras do alfabeto de dada língua oral, em um ponto de articulação (PA) específico, normalmente, no espaço neutro, no qual todas as letras são articuladas”. Assim sendo, a datilologia tem um lugar específico na língua de sinais, como foi ilustrado na Figura 07. Neste caso, a transliteração pode, ou não, estar no PA onde ocorre a datilologia e também pode estar relacionada a processos de construção de sinais em Libras. Para ilustrar um destes processos de construção, utilizaremos como exemplo os sinais de DEPUTADO, SENADOR e VEREADOR, que fazem parte do mesmo campo semântico, o da política.



Figura 08

Os três sinais são transliterados, pois associam a letra inicial da palavra na LP à respectiva CM da Libras, contudo, não são mais realizados no espaço de datilologia. Estes três sinais possuem o mesmo movimento circular na área da bochecha. Tal mecanismo de inovação lexical é recorrente, entretanto, muitos surdos o consideram pouco transparente dentro do sistema linguístico, preferindo construir sinais por composição.

Já o empréstimo por transliteração é dividido em dois grupos: por transliteração pragmática e por transliteração lexicalizada. O empréstimo por transliteração pragmática, datilológicos, geralmente são provisórios, pois, são usados em momentos de interação em que não existe na Libras um sinal correspondente no léxico desta língua, ou quando um dos interlocutores não conhece o sinal da Libras que equivalha à palavra em LP.

A digitação das palavras em Libras é muito frequente em ambientes educacionais. Nesses espaços são aprendidos uma gama de novos conceitos nas mais diversas áreas do conhecimento. Nesse momento muitos sinais são digitados, tanto por não haver terminologia para todos os termos envolvidos, quanto pela presença em sala de aula de professores/intérpretes que não tem fluência adequada em Libras. Por isso, estes profissionais da

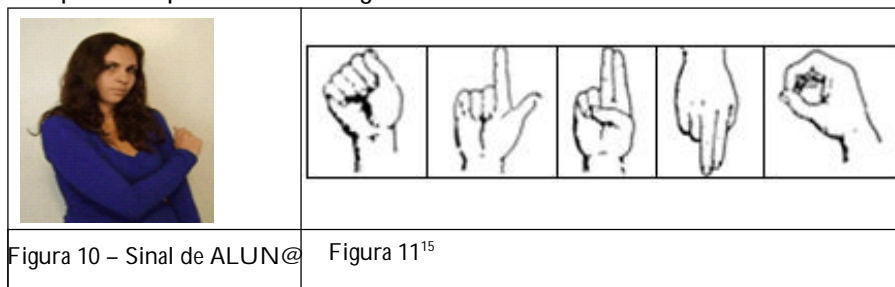
educação solicitam o sinal, caso exista, aos alunos, durante a interação. Também é relevante dizer que o material didático disponível está em LP, o que torna o recurso da datilologia de extrema importância na educação de alunos surdos e na interação entre surdos e ouvintes e, principalmente, entre surdos e ouvintes.

As palavras emprestadas por datilologia tendem à lexicalização. Isso se deve ao fato de serem palavras estranhas à fonologia do sistema da Libras. Os sinais, nestas condições, podem se tornar parte do sistema, como os sinais emprestados da LP – a exemplo do sinal ALUN@ na figura 09 –, ou cria-se um novo sinal, motivado pela escrita da LP em que a CM é motivada pela 1ª letra da palavra aluno, ou seja, a CM em “a” (figura 10).



Figura 09

Pode-se, ainda, aproveitar um sinal já existente para acomodar e inserir um novo conceito ou apenas estender o significado por processos polissêmicos, o que não é mais empréstimo, a não ser que haja tradução literal da LP para Libras, a não ser que ocorra decalque. Há, também, outra opção que é criar um novo sinal *ex nihilo*, ou seja, inventar uma nova palavra a partir do nada. Esta última ocorre mais raramente, não só na Libras como em qualquer língua, pois a tendência das línguas é criação por analogia, tendo como base elementos existentes. A Libras como todas as Línguas de Sinais são fortemente motivadas visualmente e esta característica tem se sobressaído nas construções lexicais. O sinal lexicalizado de #¹⁴ALUN@, apresentado na figura 09, quando representado de forma puramente datilológica, transliteração pragmática, corresponde à sequência apresentada na figura 11.



¹⁴ O símbolo jogo da velha (#) é usado na literatura da ASL para indicar que o sinal digitado passou por lexicalização, diferentemente do sinal totalmente datilológico que são representados pela separação das letras por hífen (-).

¹⁵ A fonte da Figura 11 é desconhecida.

Outro uso também muito comum da datilologia é o de um sinal seguido da soletração manual, ou vice-versa. A digitação é muito usada nos momentos em que não há certeza de que o interlocutor tem conhecimento do sinal, ou o sinal não está lexicalizado na língua.

Castro (2007, p.107) ressaltou o uso da datilologia afirmando que, "Parece-me que este processo está sendo utilizado em Libras mais generalizadamente, e não apenas como um processo restrito a discursos específicos". Desta feita, a transliteração pragmática permanente é usada em situações em que as informações não podem ser suprimidas, por exemplo, quando se necessita do nome completo de uma pessoa, de um lugar, de uma marca. Enfim, quando o preenchimento de todas as letras for importante.

O segundo é o empréstimo por transliteração lexicalizada, semidatilológicos. Este tipo de importação é mais estável, todavia o grau de lexicalização pode variar de um sinal para outro. Há sinais tão acomodados e naturalizados que respeitam a todas as restrições fonológicas e morfológicas de um sinal nativo. Existem, contudo, sinais adaptados parcialmente que ainda estão em processo de acomodação, como bem observaram Quadros e Karnopp (2004, p.91) "[...] mudanças ocorrem através dos tempos no tipo de sequência de configuração ou orientação de mão, em que os sinais ajustam-se às restrições de boa-formação do sistema linguístico das línguas de sinais."

Neste tipo de importação, podem-se ter palavras digitadas completamente, siglas, ou ainda uma única letra que possua um dos seguintes movimentos, segundo Faria-Nascimento (2009, p. 93):

- movimento vibratório da CM sobre o mesmo eixo (punho), como na CM "G" para GEOGRAFIA;
- movimento circular no ar, no mesmo ponto de articulação datilológica, como na CM "U" para o sinal UNIVERSIDADE; e
- movimento retilíneo curto em direção oposta ao corpo (afastamento do corpo), como ocorre com a CM "S" em SOGRO.

Esses movimentos foram ampliados por Nascimento (2010, p.79) que propõe outros movimentos realizados no ponto de articulação datilológico façam parte dos sinais por transliteração pragmática lexicalizada que sofreram redução. Adicionou-se à relação de Faria-Nascimento os sinais com os seguintes movimentos:

- Movimento curto para cima e para baixo (•!)
- Movimento curto de um lado para o outro ("!)
- Movimento horizontal curto para frente

Os empréstimos por transliteração lexicalizada possuem outra

parte, que é constituída por uma fase de transição na qual há um caráter híbrido. Cunha e Cintra (2001, p.115) definem hibridismo como “palavras que se formam de elementos tirados de línguas diferentes”, e neste caso em estudo, elementos da LP e da Libras.

A diferença principal entre o empréstimo por transliteração pragmática e o por transliteração lexicalizada é a mudança na locação, ponto de articulação, que passa a incorporar locais diversos no espaço de realização da língua e não apenas no espaço datilológico. Serve de exemplo o sinal #SOL. Este sinal perde a CM “O” e conserva as CMs “S” e “L”; é realizado num PA diferente do espaço datilológico e parece conter uma informação semântica que se remete aos raios de sol.

Também é relevante salientar que a transliteração lexicalizada, quase sempre, tem um ritmo diferente dos sinais que são puramente datilológicos. Esta mudança rítmica está relacionada à acomodação dos empréstimos.

O terceiro é o empréstimo por transliteração da letra inicial, também conhecido como empréstimo por inicialização. Refere-se a um empréstimo de fronteira, parte do processo de construção de sinais e é híbrido em sua natureza. Esta importação é considerada de aspecto parcial, pois a CM é emprestada da letra inicial da palavra escrita em LP, entretanto, os processos de construção de sinais obedecem às regras da Libras. Como ilustração pode-se usar o sinal INTERNET, que tem a configuração de mão “I”, motivada pela palavra escrita em LP, no entanto, esta influência externa tem sido encoberta por um tipo de adaptação morfofonológica, que a CM deste sinal vem sofrendo. Alguns sinais podem apagar quaisquer vestígios de elementos de origem alógena os quais só poderão ser recuperados em análises diacrônicas.

Carvalho (1989, p.45) salienta algo muito importante sobre empréstimos lexicais quando diz que as siglas estrangeiras podem dar origem as importações. Na Libras, o uso das siglas como fonte de empréstimos é bastante produtivo. Nota-se isso em vários sinais, como “DF” para Distrito Federal, “SC” para Santa Catarina, “KM” para quilômetro, entre muitos outros.

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Como referencial metodológico para identificação dos empréstimos da Libras, utilizaram-se as sistematizações de empréstimos em Línguas de Sinais, elaboradas por Faria-Nascimento (2009), com base nos estudos de Battison (1978) que estudou os empréstimos lexicais na Língua de Sinais Americana – ASL. Também foram usados, como base de identificação do *corpus*, os estudos já apresentados por Sutton-Spencer e Woll, na Língua

de Sinais Britânica – BSL –, Zeshan da Língua de Sinais do Indo-Pasquistão – IPSL – e Machabée, que analisou a Língua de Sinais de Quebec – LSQ.

Os dados da pesquisa foram selecionados do Dicionário Digital Bilingue da Libras de Felipe e Lira (2006) que se compõe por 5.863 verbetes. Esta obra está disponível em CD-ROM e nos foi fornecida pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES –, ou pode ser acessada na internet, na página www.acessobrasil.org.br, cuja versão se apresenta um pouco diferente.

Os procedimentos da recolha e análise preliminar dos dados

Para recolha dos dados, optou-se por selecionar apenas 16 das 21 categorias temáticas presentes no dicionário. Os campos temáticos selecionados seguiram a sequência de apresentação conforme o dicionário, com exceção dos campos nenhum e numeral/dinheiro. Os campos temáticos analisados foram: alimento/bebida, animal/inseto/peixe, ano sideral, aparelho/máquina, casa, cor/forma, corpo, esporte/diversão, família, fruta, higiene/saúde, legume/verdura, matéria/substâncias, país/estado/cidade, planta/flor/natureza e profissão/trabalho, num total de 1.720 sinais. Estes foram analisados um a um. Os empréstimos transliterados, ou datilológicos – empréstimos decorrentes da escrita do português –, foram selecionados a partir de outras ferramentas do dicionário.

Os empréstimos por transliteração, além de serem selecionados pelas categorias temáticas citadas, também foram identificados por meio da ferramenta que busca os verbetes a partir da configuração de mão. Associa-se a CM da Libras à primeira letra da palavra em LP. Por exemplo, para buscar uma palavra transliterada que tem a letra D como inicial, entra-se em PESQUISA EM LIBRAS, na opção MÃO, e escolhe-se a CM que corresponda à letra “D”¹⁶ e selecionam-se as palavras em LP que possuam a primeira letra “D”, como ocorrem em palavras como data, declaração, Deus, entre diversas outras que possuam este formato de mão. O uso dessa ferramenta do dicionário permitiu a identificação de vários empréstimos transliterados. Ao término das buscas, identificamos no total 423 empréstimos transliterados.

Critérios para seleção e organização dos dados

Para recolha dos dados foram selecionados sinais que possuíam uma ou mais características relacionadas a seguir:

¹⁶ A configuração de mão que corresponde à letra D é esta



I. correspondência entre uma configuração de mão da Libras e a primeira letra de uma palavra escrita em português, ou ao menos, uma semelhança da CM com a primeira letra da palavra em LP que indicasse uma provável adaptação fonológica. Um exemplo disso é o sinal de LINGUAGEM¹⁷ que tem a CM em “L” ou o sinal de Itália que possui uma CM muito semelhante à CM da letra “I”¹⁸;

II. palavras digitadas completa ou parcialmente. Como, por exemplo, o sinal de S-U-C-O, completamente digitado e o sinal de APOSENTADO em que só a primeira e a segunda letra permanecem, enquanto as demais são apagadas;

Com base nestas características, os dados foram organizados quanto à tipologia proposta por Faria-Nascimento.

ANÁLISE DOS DADOS

Para uma análise mais aprofundada dos empréstimos transliterados do português para a Libras, optou-se por delimitar a análise dos dados apenas aos sinais transliterados simples. O sinal BIOLOGIA é um sinal por transliteração simples porque apresenta apenas um sinal e tem sua CM correspondente à letra “b”. Este é um tipo de sinal que atende os requisitos de um sinal transliterado simples.

Procedimentos para a análise

Por tratar-se de dados retirados de um dicionário, todos os sinais que o compõe serão considerados como sinais pertencentes à Libras, variedade do Rio de Janeiro. Parte-se do pressuposto de que nenhum dos empréstimos por transliteração pragmática é provisório. Entretanto, podem existir os sinais por transliteração pragmática permanente, ou seja, completamente digitados. Esses ocorrem em situações que exigem o uso da datilologia em sua forma integral, como nome de pessoas e nome de lugares.



¹⁷ Sinal de LINGUAGEM que possui a CM em “L”. Este sinal é realizado com um movimento circular.



¹⁸ A letra “I” é representada no alfabeto manual pela CM, quando sofre adaptação fonológica costuma adquirir a CM. Esta é a CM encontrada no sinal para ITÁLIA.

Análise geral dos empréstimos transliterados

Os empréstimos transliterados simples, foco desta pesquisa, são na sua maioria nomes: substantivos e adjetivos. Portanto, estas são as classes de palavras mais afetadas pelos empréstimos por transliteração. No total, foram identificados 336 sinais transliterados simples, quais sejam, substantivo, advérbio, preposição, adjetivo, interjeição, pronome, verbo, numeral e conjunção. No entanto, mais de 90% dos sinais transliterados são nomes. Isso não é novidade, pois vários linguistas já mencionaram a facilidade de adaptação dos substantivos nas línguas receptoras.

Assim como nas línguas orais, percebe-se que os verbos não são classes tão abertas para adoção de empréstimos. Pelos dados, advérbios, conjunções, interjeições, pronomes, preposições e numerais também sofrem pouca interferência da LP. A Libras tem vários mecanismos espaciais e expressões não-manuais que ocupam estas funções gramaticais, não sendo, portanto, necessário recorrer a empréstimos para preencher estas funções gramaticais.

Os sinais emprestados tendem a acomodar-se à Libras da mesma forma que itens lexicais estrangeiros adaptam-se a uma língua receptora. Quase todos os sinais tomados de empréstimo da LP sofreram algum tipo de adaptação estrutural, uns mais outros menos, raros são os sinais sem mecanismo de adaptação. Até mesmo sinais emprestados que possuem duas letras como o sinal de #AR, para adaptar-se melhor a língua, muda a orientação da palma da mão e tem a CM R um pouco modificada para melhor adequar-se aos padrões fonológicos da Libras.

Ferreira (1995), na tipologia de empréstimo da Libras, mencionou os empréstimos de domínio semântico. Estes afetariam mais determinados campos semânticos que outros. Isso realmente parece ocorrer na língua. A ferramenta do dicionário, denominada ASSUNTO, permite acesso aos verbetes pelo campo temático e por meio desta ferramenta, pode-se concluir que realmente existem áreas mais sensíveis à adoção de empréstimos.

O campo temático mais influenciado pelos empréstimos por transliteração é o de nome de lugares, aproximadamente 39% dos sinais possuem elementos advindos da LP. O menos influenciado é o campo temático relacionado ao corpo com um pouco mais de 4% do *corpus* afetado.

Classificação dos empréstimos transliterados Empréstimos por transliteração pragmática

Para proceder a essa análise, partiu-se do pressuposto de que nenhum sinal se apresentaria como empréstimo por transliteração pragmática provisório, pois são dados retirados de um dicionário, e, todos são

considerados elementos efetivos da Libras. Por serem dados retirados de uma obra lexicográfica, os sinais adquirem um caráter permanente no sistema, que pode ser atualizado ou não, e, como em qualquer língua, as palavras estão sujeitas a alterações diacrônicas.

Quanto aos empréstimos por transliteração pragmática permanente, foram poucos os sinais encontrados nos dados como o sinal # SALA, completamente digitado e que não possui nenhum tipo de mecanismo reestruturador, embora a comunidade surda do Rio de Janeiro tenha a característica de usar muitos sinais soletrados, como mencionado na concepção e metodologia do dicionário digital utilizado na pesquisa. Os sinais classificados como pragmáticos correspondem aos sinais digitados completamente e sem nenhuma mudança na configuração de mão. Este tipo de importação costuma permanecer em palavras de curta extensão, com no máximo, de quatro a cinco letras, pois a partir destes números, as CMs tendem a mudar, serem apagadas, ou sofrerem outros mecanismos de acomodação.

Todavia, mesmo as soletrações permanentes, como nomes próprios, nome de pessoas podem sofrer alteração nas CMs de mão. Isto, contudo não foi identificado nos dados, mas, Quadros e Pimenta (2006, p.22) apresentam nome de pessoas que têm as CMs de mão alteradas para melhor fluidez dos sinais. Assim sendo, até sinais que tenderiam a permanecer sem mudanças são passíveis de alterações.

Empréstimos por transliteração lexicalizada

Os empréstimos por transliteração lexicalizada compõem a maioria dos sinais identificados, aproximadamente 60% dos sinais identificados entre os sinais transliterados simples. Os sinais por transliteração lexicalizada podem ser divididos em dois grandes grupos: sinais reduzidos a uma CM que permanecem no espaço datilológico e sinais datilológicos lexicalizados com mais de uma CM. No quadro 02, mostra-se o tipo de movimento e seu respectivo exemplo de sinais reduzidos a uma CM, que permanecem no ponto de articulação da datilologia.

Tipo de movimento	Sinais reduzidos a uma CM
movimento vibratório	# GEOGRAFIA
movimento circular no ar	# ASSOCIAÇÃO
movimento horizontal retilíneo curto para a lateral	# COORDENADOR
Movimento curto para cima e para baixo	# MINUTO
Movimento curto de um lado para o outro	# FEVEREIRO
Movimento horizontal curto para frente	# ÁS (carta do baralho)

Quadro 02

Os empréstimos transliterados lexicalizados, parcialmente digitados, geralmente sofrem algum tipo de abreviação, sistematizadas no quadro 03, com seus respectivos exemplos na Libras.

Tipos de abreviações	Exemplos
Permanência da 1ª. e da última letra	# GAY
Permanência da 1ª. e 2ª. Letra	# BILHÃO
Permanência da 1ª., 2ª. e da 3ª. Letra	# ZOOLÓGICO
Permanência da 1ª. e letras média	# SHOPPING
Permanência das 1ª. letras de palavras compostas da LP ¹	# JIU-JITSU
Apagamento de vogais no meio dos sinais	# BOMBOM
Motivada por sigla da LP	# DISTRITO FEDERAL

Quadro 03

Na ASL, a restrição para mudança de CM é de duas mudanças, mas na BSL já se encontra até três, entretanto, há diversos sinais que violam estas restrições, alguns podem estar em processo de lexicalização. Assim, diversos sinais de quatro e cinco letras digitadas completamente foram identificados na Libras, mas com seis letras, as reestruturações são frequentes, ou as CMs de mão modificam-se mais, ou são apagadas. Observe-se que quanto menores são os sinais digitados na Libras, mais chances têm de se tornar parte da língua.

Empréstimos por transliteração da letra inicial (inicialização)

O empréstimo por transliteração da letra inicial é um recurso muito útil na Libras e é bastante produtivo na inovação lexical, apesar de alguns surdos não considerarem este tipo de empréstimo transparente dentro do sistema. Os sinais inicializados correspondem a aproximadamente 40% dos dados do *corpus*.

Há uma linha tênue que divide os sinais com transliteração da letra inicial dos sinais com transliteração lexicalizada, reduzidos a uma letra. O sinal FELIZ encontrado no dicionário é de difícil classificação, porque poder-se-ia argumentar a favor da inicialização, pois começa com a CM da 1ª. letra da palavra correspondente em LP. Também adquire um movimento que não faz parte dos três movimentos propostos por Faria e nem pelos sugeridos neste trabalho que pudessem caracterizar uma redução datilológica. Há ainda, o acréscimo de uma segunda mão.

Em contrapartida, pode-se argumentar a favor da redução, pois a CM é da primeira letra, entretanto, o movimento é semelhante ao da CM

¹⁹ É importante mencionar que as palavras em português são compostas por mais de um elemento, entretanto, quando entram na Libras, são consideradas como sinais simples. Por exemplo, a palavra testemunha de Jeová em português, recebe o sinal com as CMs T e J.

da letra z, ou seja, da última letra, o que torna o sinal de FELIZ reduzido, que teve a CM alterada no processo de lexicalização. Este é um fenômeno muito comum nos sinais por transliteração lexicalizada.

Tipos de mudanças identificadas nos empréstimos por transliteração a partir das 8 mudanças identificadas por Battison (1978) em ASL

Os processos de lexicalização para sinais emprestados, apresentados por Battison (1978) na ASL, também foram identificados na Libras. Podem ocorrer mais de uma, das oito mudanças, simultaneamente. O sinal # SHOW, por exemplo, usado na fala de Brasília passa pelos seguintes processos lexificadores: configurações de mão são apagadas, apenas a CM "s" e a CM "w" permanecem, orientação da mão muda (Or) e a segunda mão é adicionada. Quanto a mudança na Or, parece ser motivada pelo movimento da CM que representa a letra h.

De forma semelhante, muitos sinais no processo de acomodação de itens lexicais emprestados podem sofrer com mais de uma das oito mudanças relacionadas. O quadro 04 é um quadro de mudanças dos sinais datilológicos lexicalizados com seus respectivos exemplos em Libras.

Mudanças	Exemplos de sinais da Libras
Configurações de mão apagadas	#ADJETIVOS, # GAY, # QUEM 2 ¹ , # VAGEM 1
Localização (P.A) modificadas	# AMAPÁ, # CURSO, # DÍZIMO
Configuração de mão modificada	# EMA, # LOJA, # LUCRO, # PAR 1, # VÍCIO
Movimento adicionado	# VENEZUELA, # VENTO, #ASSOCIAÇÃO, # BRASIL
Orientação da palma da mão modificada	# URSO 1, # AR, # BELO HORIZONTE, # DOUTOR, # ILHA
Movimento reduplicado	# FOFOQUEIRO, # LETRAS, # PRATA
Segunda mão adicionada	# COMUNICAÇÃO, # FAMÍLIA, # HIPPIE, # REGRA
Informação gramatical adicionada	# SOL

QUADRO 4

Em quase todos os sinais analisados, pelo menos uma destas mudanças ocorrem, raros são os casos de sinais como # SUCO, # VAGA em que não há nenhuma modificação na estrutura datilológica e permanecem na língua sendo efetivamente usados.

A grande maioria dos sinais sofre com pelo menos umas destas mudanças. Esses processos lexificadores da ASL também estão presentes na Libras para integração dos sinais emprestados como unidades da língua e não como o recurso da datilologia. Os sinais puramente datilológicos,

²⁰ Os números pospostos a palavras são relativos a numeração encontrada no dicionário pois há mais de uma entrada como estes nomes.

geralmente, possuem um ritmo diferente dos sinais datilológicos lexicalizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, realizou-se um estudo descritivo dos empréstimos do português para a língua de sinais brasileira – Libras. O foco da pesquisa foram os empréstimos transliterados, ou seja, sinais que têm sua origem na escrita da língua portuguesa e que chegam à Libras por meio da datilologia. Assim como em Battison (1978), *apud* Machabée (1995, p.31), os sinais datilológicos reestruturados são considerados empréstimos de uma língua oral para uma língua de sinais e não somente a representação da escrita de uma língua oral como Valli e Lucas (1992, p.43) sugeriram a respeito dos sinais digitados.

Os sinais datilológicos da Libras, advindos do português, geralmente, quando entram na língua receptora, apresentam as mesmas características de palavras emprestadas das línguas orais-auditivas. Os empréstimos de uma língua oral para outra língua de mesma modalidade podem sofrer adaptações fonológicas, ortográficas e ganhar uma aparência mais nativa. Semelhantemente, alguns sinais emprestados do português para a Libras adaptam-se tão plenamente, que sua origem exógena é disfarçada e muitos falantes nativos podem não perceber sua verdadeira origem.

REFERÊNCIAS

BANKER-SHENK, L; COKELY, D. **American sign language**: a teacher's resource text on grammar and culture. Washington: Gallaudet University Press. 1980. ISBN 0-930323-84-X

CARVALHO, N. **Empréstimos Linguísticos**. São Paulo: Editora Ática. 1989.

KYLE, J,G; WOLL, B. **Sign Language: The study of deaf people and their language**. New York: Cambridge University Press. 1988.

LANE, H; GROSJEAN, F. **Recent Perspectives on American Sign Language**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates. 1980.

LIRA, G; FELIPE, T. **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais** versão 2.0. INES Acessibilidade Brasil. Coordenação Geral de Guilherme de Azambuja Lira. 2006. CD-ROM

_____. **Dicionário da Língua de Brasileira de Sinais** versão 2.1. INES Acessibilidade Brasil. Coordenação Geral de Guilherme de Azambuja Lira. 2006.

FARIA-NASCIMENTO, S.P. Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira. Uma Proposta Lexicográfica. Brasília, 2009. 290 f. Tese (doutorado) – Instituto de

Letras, Universidade de Brasília.

NASCIMENTO, C. Empréstimos linguístico do Português na Língua de Sinais Brasileira – LSB: Línguas em Contato. Brasília, 2010. 108f. . Dissertação (Mestrado em linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

QUADROS, R. M; KARNOPP, L. B. de. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed. 2004.

QUADROS, R. M; PIMENTA, N. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro: LSB Vídeo. 2006.

SUTTON-SPENCE, R; WOLL, B. **The linguistics of British Sign Language: an introduction**. Cambridge: University Press. 1999.

THOMASON, S. G; KAUFMAN, T. **Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics**. Los Angeles: University of California Press. 1988. ISBN 0-520-07893-4

VALLI, C; LUCAS, C. **Linguistics of American Sign Language**. Washington: Gallaudet University. 2000.

WEINREICH, U. **Languages in Contact**: findings and problems. Paris: Mouton, Eighth printing. 1974.

WILCOX, S; WILCOX, P.P. **Aprender a ver**: O ensino da Língua de Sinais Americana como Segunda Língua. Tradução de Tarcísio de Arantes Leite. São Paulo Arara Azul. 2005. Coleção Cultura e Diversidade.

ZESHAN, U. **Sign language in Indo-Pakistan**: a description of a signed language. John Benjamins B.V. 2000. ISBN 90 272 2563 X (Eur.)